



UFMG

Boletim

Nº 1.748 - Ano 37 - 12.9.2011

As múltiplas faces do cérebro

Realizado em anos anteriores, o Simpósio de Neurociências ganhou corpo e se transformou na Semana de Neurociências da UFMG, cuja primeira edição ocorre de 19 a 24 de setembro nos campi Pampulha e Saúde. A interface da área com a engenharia biomédica e a discussão de temas contemporâneos, como os efeitos do crack e o controle do estresse, estarão entre os principais temas em discussão no evento.

Páginas 4 e 5

Farmácia estuda efeito emagrecedor de planta do cerrado

Página 3



Ode à **ALEGRIA***

Cecília Cavaliéri França**

Dos pátios da escola aos da imaginação, do Rock in Rio à 5ª de Mahler, do canto no chuveiro ao Concert Hall, ela é onipresente nas nossas vidas. Música é prática social universal, unânime, tão antiga quanto o próprio homem, que canta, dança, assovia, bate palmas, marcha, celebra, diverte-se, acalma-se, anima-se, ri e chora ao longo de toda a sua vida.

Companheiras de todas as horas, essas atividades escondem (melhor dizendo, revelam!) um mundo de operações mentais e envolvem diversas habilidades físicas, cognitivas e expressivas. Despretensiosamente, exercitam o sensorial, o intuitivo, o afetivo e o inefável. Não se trata de atividades periféricas, eventuais ou decorativas, mas essenciais à vida humana.

A predisposição à música é inata e floresce espontaneamente em graciosas habilidades musicais nos primeiros anos de vida. Mas cabe ao ambiente oferecer estímulos adequados para que o desenvolvimento musical se consolide: uma prática sistemática e diversificada, que contemple a criação musical, a escuta variada, a experiência de cantar e de tocar um instrumento (ainda que feito de sucata), de fazer parte de um grupo musical, de opinar, escolher, de crescer dentro de um universo sonoro ilimitado que dialogue com outras áreas do conhecimento.

Disciplinas escolares são sistematizações de práticas humanas, diferentes maneiras de nos relacionarmos com o mundo, de compreendê-lo e de nele intervir. O propósito da educação formal é avançar além do senso comum por meio das várias janelas pelas quais o conhecimento se manifesta. Música é uma dessas janelas, uma área de conhecimento muito mais profunda do que julgam os próprios praticantes. Pesquisadores acreditam que a música seja uma fonte primordial de prazer para o nosso cérebro (Levitin, 2006). A ela são creditadas nossas primeiras memórias, registradas já na vida intrauterina, e também nossas últimas lembranças, aquelas que permanecem quando todas as outras já se dissiparam.

Hoje, computadores monitoram ao vivo e a cores o cérebro de músicos em

funcionamento, revelando as regiões devotadas ao processamento musical. Sabe-se que essa prática afeta tanto a morfologia quanto a fisiologia cerebral, tornando o cérebro do músico diferente daquele do não músico (Pascual-Leone, 2003). A experiência musical cultiva capacidades além das lógico-matemáticas, do pensamento convergente, da resposta única e exata (Lehman, 1988).

“O propósito da educação formal é avançar além do senso comum por meio das várias janelas pelas quais o conhecimento se manifesta. Música é uma dessas janelas, uma área de conhecimento muito mais profunda do que julgam os próprios praticantes”

O fazer musical promove a tomada de decisão criativa e expressiva e o desenvolvimento da sensibilidade a ideias não verbais. Dada sua natureza simbólica, permite a expressão do pensamento de uma maneira não conceitual. Do ponto de vista psicológico, integra e equilibra tendências imaginativas e imitativas, intuitivas e analíticas. Pela sua característica temporal e estrutural, opera na consolidação das habilidades cognitivas de descentração e reversibilidade, subsidiando o desenvolvimento do pensamento abstrato.

Correntes da filosofia e da sociologia também endossam a prática musical na formação do indivíduo. Música é uma forma simbólica peculiar (Swanwick, 1994), com sua maneira específica de articulação, reflexão e exposição de ideias e significados. Ela é um campo do conhecimento no qual a expressão é múltipla, o que permite exercitar a criatividade, tomar decisões e exercer a autonomia, favorecendo a comunicação e a socialização. Por meio

da música inauguram-se modos de dar forma à percepção subjetiva do mundo e de construir outros mundos possíveis, imaginários.

A música se revela, ainda, como forte elemento de formação, manifestação e ressignificação da identidade do indivíduo (Macdonald; Hargreaves; Miell, 2002). A partir do repertório que se ouve – ou se pratica – podem-se desfiar biografias e autobiografias, visitar memórias e resgatar, para muitos, impressões do próprio “eu”. Gostar de tal banda, cantor ou estilo fazem-nos parte de uma tribo, na qual só entram afins. Muitas vezes, tais escolhas não ocorrem por opção, mas por falta de opção: cunha-se um “gostar” moldado pela indústria cultural, que cria e repete fórmulas banais, hits que grudam na memória, a qual, por sua vez, passa a rejeitar modelos que demandem uma escuta consciente e autônoma. Quando o leque de opções de escuta se abre, amplia-se o horizonte estilístico e as escolhas passam a ser qualificadas, balizadas pelo questionamento e pela reflexão crítica, que permitem identificar e rejeitar o clichê-comercial-descartável.

Mas para que a música seja consolidada na educação básica, ainda há muito a ser feito. Há que se formar uma legião de educadores musicais. E para tanto, precisamos de formadores que cultivem a ética, a transparência, a lealdade e a humanidade, quesitos que não valem pontos no Lattes, mas contam pontos na vida. Precisamos de educadores autênticos, que não façam da harmonia disciplina curricular, mas buscam do espírito; que pratiquem a percepção não como habilidade do ouvido, mas como desvelo da alma; que não usem a música como um trampolim egoico, mas como um *rappel* para dentro de si; que não façam do trabalho contagem de tempo, mas sacerdócio da vida inteira.

*Título do poema de Schiller, cantado no quarto movimento da 9ª Sinfonia de Beethoven

**Doutora em Educação Musical

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, através de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) ou de 57 a 64 linhas de 70 toques e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

CONGONHA emagrece?

Pesquisa avalia potencial de planta do cerrado usada popularmente contra a obesidade

Ana Rita Araújo

Estudo pré-clínico realizado em pesquisa de mestrado na UFMG sugere que uma planta do Cerrado brasileiro – a *Rudgea viburnoides* (Cham.) Benth (Rubiaceae) – tem potencial para tratamento da obesidade e suas alterações metabólicas. Contudo, em vez de validar o uso popular em dietas de emagrecimento, o estudo destaca que a utilização indiscriminada pode ter efeitos contrários ao esperado.

Verificamos que a menor dose foi a única com efeitos positivos”, alerta a autora do trabalho, a nutricionista Juliana Moraes Amaral de Almeida, que integra grupo de pesquisa que procura conhecer a história das plantas e seus usos populares.

Para investigar se há fundamento na crença do efeito emagrecedor da espécie conhecida como congonha, bugre ou congonha-de-bugre, Juliana utilizou modelos animais – camundongos Balb/c – divididos em cinco grupos. Um grupo controle recebeu dieta comercial padrão, outro, dieta rica em carboidratos (HC) indutora de obesidade e outros três se alimentaram com dieta HC suplementada com diferentes dosagens do extrato bruto da planta.



Foca Lisboa

Juliana de Almeida: identificação de substâncias e de suas vias de atuação



Arquivo pessoal

Dietas à base de extrato bruto da congonha foram testadas em três grupos de camundongos

Os animais tratados com a menor dose melhoraram sua tolerância oral à glicose e sensibilidade à insulina, além de apresentarem menor inflamação em sítios metabólicos importantes na obesidade, como os tecidos adiposo e hepático. “Nas doses maiores não se observaram esses efeitos”, ressalta a pesquisadora, orientada pelas professoras Maria das Graças Lins Brandão, coordenadora do Banco de Dados e Amostras de Plantas Aromáticas (Dataplant), e Adaliene Versiani Matos Ferreira, coordenadora do Grupo de Pesquisa de Intervenção em Nutrição.

Estudo inicial

A obesidade é definida como enfermidade crônica que se caracteriza pelo acúmulo excessivo de gordura e o comprometimento da saúde, por estar ligada a fatores de risco coronariano, diversos tipos de cânceres e outras comorbidades. Tais condições estão associadas a respostas inflamatórias crônicas que podem ser reguladas pelo controle das reações oxidativas denominadas varredores de radicais livres.

Alguns componentes originados de vegetais apresentam atividade anti-inflamatória e antioxidante, sobretudo devido à presença de compostos fenólicos e polifenólicos. Estudos químicos evidenciam que a congonha contém substâncias como a rutina, possivelmente associadas ao efeito encontrado na pesquisa.

Segundo Juliana de Almeida, outros estudos serão necessários para determinar por quais meios ocorre o efeito da planta. “Este foi o primeiro passo na tentativa de evidenciar as informações preliminares sobre a atividade farmacológica que pode ser atribuída à congonha”, adverte. Assim, além de investigações a respeito das substâncias químicas presentes no extrato e seus efeitos, será fundamental desvendar as vias pelas quais a substância – ou o conjunto delas – atua. “Pode ser que esses efeitos estejam relacionados ao tecido adiposo e/ou ao fígado. Ainda há muitas perguntas a responder”, afirma.

Ela acrescenta que o estudo foi realizado em várias etapas, que incluíram a avaliação da história do uso da planta e sua caracterização química, além de ensaios e testes biológicos, desenvolvidos na Faculdade de Farmácia e no Instituto de Ciências Biológicas. Juliana de Almeida destaca que diversos países da América Latina têm experimentado rápida transição demográfica, epidemiológica e nutricional, com marcante aumento na prevalência da obesidade. Segundo Juliana, modelos experimentais de obesidade em animais são de grande valor no estudo dos diversos aspectos que contribuem para o excessivo acúmulo de adiposidade e suas consequências.

Dissertação: *Potencial das folhas de Rudgea viburnoides* (Cham.) Benth (Rubiaceae) no tratamento da obesidade e suas alterações metabólicas induzidas por dieta em camundongos Balb/c

Autora: Juliana Moraes Amaral de Almeida

Orientadora: Maria das Graças Lins Brandão

Coorientadora: Adaliene Versiani Matos Ferreira

Defesa: 31 de agosto, junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência de Alimentos, da Faculdade de Farmácia da UFMG

O CÉREBRO e suas INTERFACES

Evento de Neurociências amplia caráter interdisciplinar e discute questões contemporâneas como os efeitos do crack e os mitos em torno do estresse

Gabriella Praça

Interdisciplinar. Na definição do dicionário Aurélio, o adjetivo qualifica aquilo que é comum a duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento. Essa é principal característica da I Semana de Neurociências da UFMG, que reunirá profissionais das mais diversas áreas, de engenheiros a psicólogos – passando por médicos, farmacêuticos, bioquímicos e até administradores.

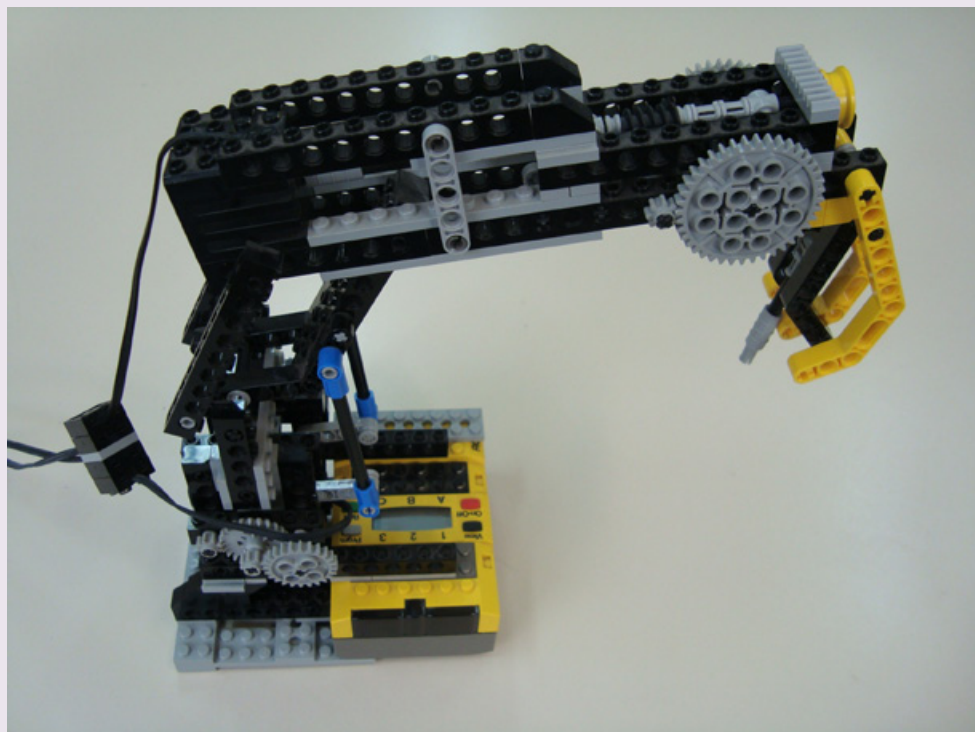
O evento, que acontece entre os dias 19 e 24 de setembro, nos campi Pampulha e Saúde, englobará o V Simpósio de Neurociências da UFMG e o I Encontro de Engenharia Biomédica. “Como o Simpósio fazia muito sucesso, decidimos, este ano, ampliar as atividades oferecidas, dando origem à Semana”, explica a coordenadora geral do evento, professora Angela Maria Ribeiro. À frente do Programa de Pós-graduação em Neurociências da UFMG, ela salienta que, a cada edição, o Simpósio destaca a relação das neurociências com uma área do conhecimento. “Dessa vez, o campo escolhido foi o da engenharia biomédica, cujos pesquisadores desenvolvem uma variedade de métodos e técnicas de interesse para as neurociências”, ressalta. Processamento de sinais, eletroencefalograma, ressonância magnética e dispositivos de neuroimagem são algumas das contribuições da engenharia para a área.

Todas essas técnicas, destinadas a avaliar mecanismos específicos que contribuem para identificar disfunções no organismo, surgiram como resultado da parceria de especialistas da engenharia com pesquisadores da área de saúde. Como observa a fisioterapeuta Clarissa Cardoso, doutoranda do Programa, engenheiros devem elaborar equipamentos de interface amigável, para que o profissional de saúde possa manuseá-los com facilidade. “Eles elaboram o equipamento que nós utilizaremos – e, por isso, é fundamental o trabalho em equipe, com profissionais de diferentes áreas em busca de um objetivo comum”, sentencia.

Orientada pelo professor Carlos Julio Tierra-Criollo, do Departamento de Engenharia Elétrica da Escola de Engenharia, Clarissa desenvolve projeto voltado para reabilitação neurológica de pessoas que sofreram AVC. “Na engenharia aprendi a usar o eletroencefalograma, o instrumento que permite

avaliar o padrão de ativação cortical desses pacientes”, revela. Para a pesquisadora, engenharia e medicina tendem a caminhar cada vez mais juntas, com o desenvolvimento de áreas como a robótica e o advento das interfaces cérebro-máquina.

Fotos: Gabriella Praça



Ferramenta usada em experimentos de engenharia biomédica: interface homem-máquina

Desafios

O uso de drogas também estará entre os assuntos discutidos no evento, com mesa-redonda dedicada à dependência de crack. Para o professor da Faculdade de Medicina da UFMG Valdir Campos, que apresentará um trabalho na mesa, a abordagem e o tratamento de dependentes do crack estão entre as questões mais desafiadoras do Brasil contemporâneo. “Desde a década de 90, quando surgiu a crackolândia em São Paulo, pesquisadores da USP já avisavam que este seria um problema de saúde pública, caso nenhuma providência fosse tomada”, recorda-se. “Foi uma previsão que virou realidade”, completa.

Segundo o pesquisador, uma das principais dificuldades encontradas pelos estudos na área é a falta de medicação destinada ao

tratamento da dependência química. O que existe atualmente são remédios que apenas aliviam os sintomas da abstinência, como perda de apetite, insônia, falta de prazer e desinteresse pelo convívio social e familiar. Por isso, diz ele, junto com a administração de medicamentos, devem ser feitos um tratamento psicológico e um acompanhamento da reinserção social do paciente. Embora o crack não esteja entre as drogas mais usadas no Brasil, é uma das mais destrutivas. Estudos mostram que a eficácia de tratamento é baixa, com recuperação de apenas cerca de 30% dos usuários.

Outro problema contemporâneo em debate na Semana de Neurociências é o estresse. O professor da Faculdade de Medicina da UFMG Antônio Lúcio Teixeira Jr. coordenará a mesa-redonda *Estresse, comportamento e*

cognição. De acordo com ele, a atividade visa atualizar a definição de “estresse”, muito banalizada nos dias de hoje. “No senso comum, há uma visão muito simples do estresse, envolvendo uma série de mitos, como o de que ele tem caráter patológico”, analisa. “A rigor, o estresse não é bom nem ruim, mas uma mera reação do organismo em busca de seu funcionamento normal”, pondera Teixeira. Os participantes da mesa também pretendem discutir as bases neurológicas do fenômeno, com ênfase nas alterações neuroquímicas e neuroimunológicas.

Já no painel *Neurociências e administração* o tema será a influência dos neurotransmissores nas escolhas de consumo baseadas em atributos como cor, sabor, olfato, forma e elementos emocionais relacionados a produtos e serviços. “Os neurocientistas estudam essas condições, e nós as utilizamos para desenvolver produtos que atraiam os consumidores”, esclarece o professor da Faculdade de Economia (Face) da UFMG José Edson, que será debatedor do evento. O objetivo do painel é discutir possibilidades de aplicação teórica e metodológica das neurociências no marketing. Para o coordenador da atividade, Carlos Alberto Gonçalves, também professor da Face, “essa nova metodologia tem amplo potencial de aplicação em estudos de fenômenos comportamentais e decisórios no campo da administração”.

Para leigos, cinéfilos e amantes do teatro

As atividades de extensão são outra novidade da Semana de Neurociências. Combate ao tabagismo, perda de memória no envelhecimento, qualidade de vida para pessoas com esclerose múltipla e convivência com portadores de esquizofrenia e de autismo serão alguns dos assuntos abordados. Haverá palestras, debates e oficinas, ministrados por alunos do Programa de Pós-graduação em Neurociências que mostrarão as principais novidades e tendências da área. As atividades são gratuitas e dispensam inscrições.

Para o professor da Faculdade de Medicina da UFMG Arthur Kummer, coordenador das atividades de extensão, o intuito é estreitar os laços entre academia e comunidade. “Essa divulgação científica é de extrema importância para que a comunidade saiba o que tem sido produzido e se beneficie dos resultados”, salienta.

Também entre os destaques da programação está a palestra que o diretor de pesquisa do Centro Nacional da Pesquisa Científica da França, Claude Raynaud, ministrará sobre os desafios da interdisciplinaridade. Para ele, a produção de conhecimento no mundo contemporâneo deve levar em conta “o fato de estarmos atravessando hoje profundas mudanças nos quadros de pensamentos que constituíram, durante séculos, o alicerce conceitual e ético de nossas sociedades”. A imbricação de fatores e dinâmicas heterogêneas e a combinação de dimensões materiais e imateriais seriam, segundo ele, características dessa nova realidade – cujas questões devem ser investigadas por meio da prática interdisciplinar.

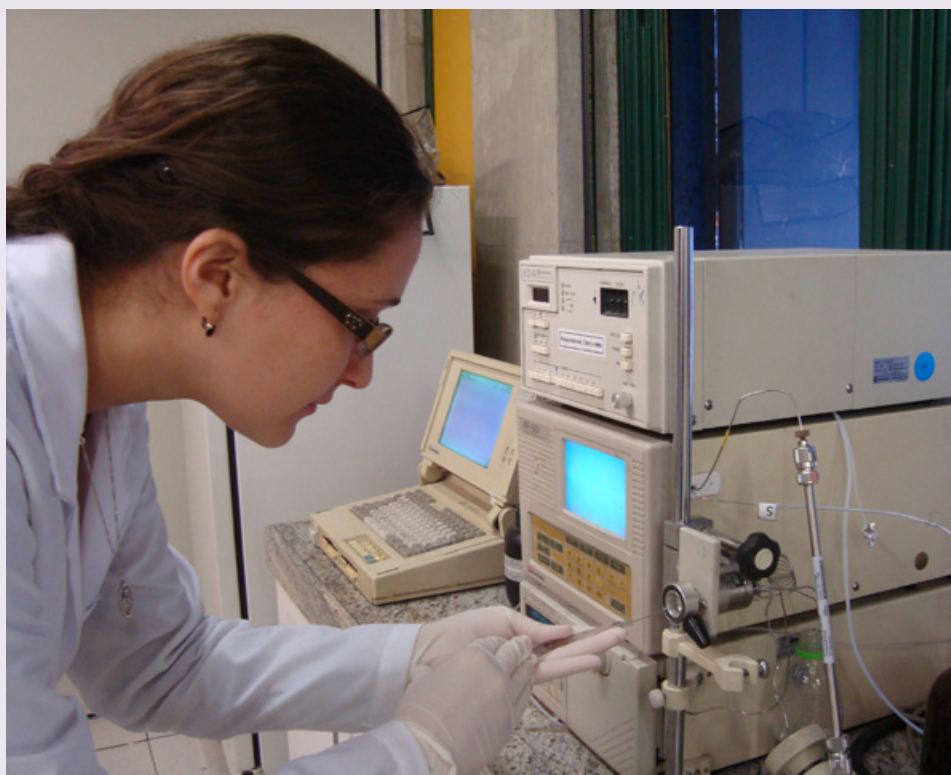
Durante a Semana de Neurociências haverá atividades culturais, como shows de música, exposições de filmes e apresentações de teatro e de dança. Selecionados para o evento por se relacionarem com a abordagem neurocientífica, os filmes e peças teatrais servirão de ponto de partida para os debates que a eles se seguirão.

A professora da Faculdade de Letras da UFMG Tereza Virginia Barbosa discutirá com o público o enredo da tragédia grega Medeia, cuja protagonista ama e odeia intensamente. “O mito de Medeia é a história de uma mulher que atenta contra si mesma, saindo do patamar de ‘humanidade’ para ocupar algum lugar acima ou abaixo dele”, analisa Tereza, referindo-se à atitude da personagem de dar fim à vida de sua prole. “Matar os filhos é, de certa forma, um ato de suicídio, pois ela se volta contra si mesma”, explica.

Todas as atividades culturais oferecidas pela Semana também são gratuitas e abertas ao público. A programação completa do evento está disponível no site www.5simposioneurociencias.chsd.com.br.



Ângela Ribeiro: atividades ampliadas



Pesquisadora no Laboratório de Neurociências Comportamental e Molecular, na Fafich: desafios em várias frentes

“A RESTAURAÇÃO é apenas o último passo”

Ana Maria Vieira

Há seis anos a comunidade europeia montou infraestrutura física e de especialistas para conservação de seu patrimônio cultural considerada única no mundo. Reunindo 21 instituições, o consórcio, conhecido como Eu-ARTECH, conta com o original Molab, ou Mobile Laboratory, sediado na Universidade de Perugia, na Itália, e, há algum tempo, parceiro da UFMG. Recentemente, o grupo italiano manifestou interesse em formalizar acordos no Brasil, especialmente com a Universidade, ancorado em trabalhos com a Escola de Belas-Artes, que abriga núcleo de reconhecida competência na área. “Queremos dar continuidade aos projetos e promover intercâmbio de professores e alunos”, disse o químico e professor Antonio Sgamellotti, um dos mais respeitados cientistas em conservação da Europa. No início do mês, abriu sua agenda de trabalho no Brasil para receber a reportagem do BOLETIM para a qual concedeu a entrevista que se segue.

Por que investir em um laboratório móvel?

O Molab é a única infraestrutura europeia de conservação do patrimônio cultural que funciona de forma inversa à tradicional. Ou seja, com instrumentos originais portáteis para análise não destrutiva da obra de arte: ela é que vai até o usuário. Isso ocorre porque algumas obras não podem ser movidas no trabalho de conservação, como os grandes monumentos ou afrescos. Há artefatos que são tirados do lugar, mas não é bom movê-los, por dois motivos: Primeiro, por razão ética. Qualquer movimentação causa-lhes um estresse considerável e devemos proporcionar menos traumas possíveis à sua estrutura. O segundo tem motivação econômica: o alto custo dos seguros.

Quando menciona que o Molab possui instrumentos únicos isso significa que há um desenvolvimento específico da indústria para ele? Descreva essa dinâmica de inovação tecnológica definida pela necessidade de conservação.

Há instrumentos produzidos pela indústria para determinados objetivos e depois nós os adaptamos para o uso nos bens culturais. Outros equipamentos são desenvolvidos academicamente e depois sua tecnologia é transferida para a indústria. Em alguns casos, são protótipos únicos, mas, em outros, acabam comercializados com a indústria.

Os estudos do Molab parecem se apoiar numa abordagem mais técnico-científica. No Brasil, no entanto, predomina uma análise mais histórica dos objetos artísticos...

Isso não é apenas no Brasil. Diria que, inicialmente, a história da arte é a história das ideias. Mas, aos poucos, está sobressaindo a visão de que o conhecimento do percurso do artista também traz contribuições, e elas são, naturalmente, interdisciplinares e requerem os cientistas, os conservadores, os restauradores e os historiadores da arte. Creio que o Brasil deva ter o papel de guiar os países da América Latina nesse processo de integração dos aspectos científicos e os histórico-artísticos e de conservação. E, mais particularmente, a UFMG, pela competência que já desenvolveu, tem todas as possibilidades de se tornar o centro de coordenação desse processo. Porém, a interação da ciência com aspectos histórico-artísticos tem como contexto o estágio de desenvolvimento de cada país. O Brasil passa por um desenvolvimento inacreditável e isso é ótimo. Mas quando ocorre de modo súbito e veloz apresenta algum risco: o de perder, durante o processo de modernização, o contato com a realidade histórica, com a identidade do patrimônio – e isso é como perder ou negligenciar a identidade de um país. Creio que o Brasil, por sua dimensão e pela capacidade que possui, não pode permitir que os erros cometidos na Europa aqui se repitam.

Ainda sobre o papel da ciência para a arte e considerando a experiência do Molab: é ela que lidera hoje o aporte de novos conhecimentos a essa área?

A ciência possui importância e autonomia, mas está inserida em certo contexto sociocultural e por isso precisamos de sociólogos, de filósofos e de pensadores nesse processo. Se quisermos conservar o patrimônio não poderemos fazê-lo apenas com



Sgamellotti: não se faz conservação só com recursos científicos

recursos científicos. Isso simplesmente não faria sentido. Diria que, para fazer conservação do patrimônio, é necessário educar – não apenas a população, mas, antes, promover treinamento para formar especialistas a par dos problemas e em condições de intervir. Podemos contribuir neste aspecto, mas também queremos receber outros conhecimentos, que podem ser problemas que ocorrem em um clima e em uma realidade diferentes.

As condições ambientais têm imposto algum tipo de desafio para a preservação de patrimônio?

Naturalmente preservar o patrimônio significa preservá-lo em seu meio natural, levando em conta os problemas ambientais. Esta contextualização consiste em restaurá-lo e resguardá-lo por meio do conhecimento, de uma conservação preventiva e de uma manutenção programada. Isto é, tentar prevenir o que pode produzir danos, pois a restauração é apenas o último passo. Levo em consideração que ambiente não é apenas o atmosférico, mas também o social.

O Projeto Portinari criou ponte de trabalho entre a Universidade de Perugia e a UFMG. Essa parceria gerou alguma nova descoberta?

Sobre a obra de Portinari, discutimos problemas diversos, como os relacionados à utilização do pigmento anatásio [óxido de titânio]. Parece que o fenômeno de degradação provocado pelo seu uso está ocorrendo em algumas obras de Portinari.

ACESSO AO CAMPUS

Para agilizar o acesso de veículos particulares ao campus Pampulha após 21 horas, a Pró-reitoria de Administração está credenciando servidores, estudantes, funcionários terceirizados e outros prestadores de serviços que mantêm vínculo com a UFMG.

A medida atende às normas de segurança adotadas pela Universidade, por meio da Portaria 034/2011, que determina a “necessidade imediata de se implementarem ações com o objetivo de prevenir, evitar e inibir a ocorrência de situações que coloquem em risco a honra, a vida e a integridade física da comunidade universitária”.

Os interessados devem acessar o sistema de credenciamento no endereço www.ufmg.br/sicrev e preencher o formulário. Em seguida, precisam imprimir e assinar o termo de compromisso a ser gerado pelo sistema e entregá-lo ao agente de sua unidade ou ao órgão que o sistema indicar, junto com documentos que comprovem o vínculo com a UFMG e Certificado de Registro e Licenciamento de Veículo (CRLV), para validação do cadastro.

DIA SEM CARRO

Como parte da programação da campanha Bocados de Gentileza para este semestre, a UFMG participa, no dia 22 de setembro, do Dia Mundial sem Carro, movimento que pretende estimular a reflexão sobre o uso excessivo do automóvel.

Ações estão sendo programadas para mostrar como o ambiente da Universidade pode ser utilizado de forma mais consciente, proveitosa e saudável. Voluntários que desejam participar da organização das ações devem escrever para o endereço eletrônico bocadosdegentileza@cedecom.ufmg.br



SENTIMENTOS DO MUNDO

O Ciclo de Conferências Sentimentos do Mundo tem como convidado, nesta terça-feira, 13 de setembro, o multi-instrumentista Egberto Gismonti. Nascido em família de músicos, na cidade interiorana de Carmo, Rio de Janeiro, Gismonti estudou piano desde criança no Conservatório local. O artista iniciou suas viagens, no fim dos anos 60, para a Europa, onde fez diversos shows e lançou seu primeiro LP, Egberto Gismonti. Ele foi dos primeiros brasileiros a tocar sintetizadores e hoje sua obra é regravação por diversos outros músicos. A apresentação, gratuita, acontecerá no gramado da Reitoria, às 19h30.

CENTENÁRIO EM FESTIVAL

Estão à venda os ingressos para o Festival Medicina, promovido pelo Diretório Acadêmico Alfredo Balena (DAAB). O evento será em 24 de setembro, sábado, às 18h, no Chevrolet Hall. Inspirada nos festivais culturais promovidos na Faculdade de Medicina na década de 1950, esta edição comemora o centenário da instituição.

Haverá apresentação das bandas Hocus Pocus (The Beatles cover), Los Otros (cover de Los Hermanos), dos grupos teatrais Show Medicina e Psicose Teatro, além de dança de rua, com a participação de seis adolescentes da Cruz Vermelha que trabalham no campus Saúde. No festival também ocorrerá a final do concurso de bandas formadas por estudantes da UFMG. Os ingressos estão à venda no saguão de entrada da Faculdade, na bilheteria e na página da casa de eventos.

CIÊNCIAS CONTÁBEIS

O curso de mestrado em Ciências Contábeis da Face recebe inscrições até 21 de outubro. Estão sendo oferecidas 21 vagas para ingresso no primeiro semestre de 2012. As inscrições poderão ser feitas por formulário eletrônico, disponível no site www.cepcon.face.ufmg.br, ou na secretaria do órgão, sala 2.025 da Face. Também serão aceitas inscrições pelos correios, via sedex, com data-limite de postagem em 17 de outubro. Mais informações (31) 3409-7263 e 3409-7069

ARQUIVOLOGIA

O I Simpósio de Arquivologia da UFMG, marcado para o período de 21 a 23 de setembro, recebe inscrições até 18 de setembro pelo endereço www.fundep.ufmg.br. Em pauta, temas como avaliação das pesquisas sobre a implantação dos sistemas de arquivos nas instituições de ensino superior do país, lei de arquivos, reforma curricular dos cursos de arquivologia e o papel das universidades na aquisição e administração de acervos privados. Informações: <http://simposiodearquivologia.eci.ufmg.br/>.

LARANJEIRA E ZÉ DO CAIXÃO

A programação cultural desta semana no campus Pampulha tem agenda especial. Na quarta-feira, 14, o projeto Quarta Doze e Trinta traz à UFMG Saulo Laranjeira e Saldanha Rolim. O show será no auditório da Reitoria. A dupla vai cantar músicas de Geraldo Vandré e Gonzagão. A apresentação será às 12h30.

Um dia antes, o clima será dado por Zé do Caixão, com o filme Trilogia do Terror, rodado em 1968. A iniciativa é do projeto Cine 0800, e a exibição acontecerá às 17h30, no auditório da Biblioteca Central. A entrada é gratuita.

Erramos

LICENCIAMENTO

No último parágrafo da matéria Licenciamento Tipo Exportação, na edição 1746 deste BOLETIM, onde se lê “No primeiro semestre deste ano já depositamos quatro pedidos de patentes no Brasil, sete em âmbito internacional e duas marcas”, leia-se “no primeiro semestre deste ano licenciamos sete tecnologias que possuem pedido de patente no Brasil e quatro no exterior, além de duas marcas”.



TRANSPARÊNCIA revelada

Livro da Editora UFMG aborda as técnicas de produção e manuseio do vidro

Marcos Fernandes



“A Alguns consideram o vidreiro como um artista que produz peças de adornos em vidro. A profissão de vidreiro é, antes disso, uma atividade que exige conhecimentos dos diversos tipos de vidro e as especificidades a que se destinam. Esses fatores, aliados à vontade de oferecer subsídios a todos que praticam qualquer atividade com o vidro, propiciaram a elaboração deste livro”. É com a honestidade de quem conhece e admira o próprio trabalho que Celso Pereira Fonseca e Sérgio Eustáquio Martins iniciam sua obra *Hialotécnica – Arte e Vidro*.

Lançado recentemente pela Editora UFMG, o livro apresenta, em linguagem clara, uma introdução à técnica de produzir e manusear o material “É um livro para iniciantes que oferece os fundamentos a qualquer um que deseja efetuar um trabalho técnico”, define Fonseca, professor do Colégio Técnico com especialização em Hialotécnica.

Ainda que se destine a leigos, o autor evita usar o termo “manual” para qualificar a obra. “Manual é muito fechado. O livro é como um guia, que lhe dá subsídios, mas exige que se exercite o aprendizado”. Para ele, o vidro não é um material de difícil manuseio, apenas “exigente”. É preciso, segundo o vidreiro, conhecer suas peculiaridades e saber controlá-las. “Assusta-se quando o vidro vai ao fogo e explode. Mas é claro que se eu levar uma garrafa à chama, ela vai estourar. No entanto, se sei como conduzi-la, a reação é totalmente diferente”, diz.

A obra passeia por curiosidades da história do vidro. No passado, os vidreiros detinham privilégios – isenção de impostos, por exemplo – ou benesses sociais, como relata a seguinte passagem descrita por Fonseca. “Do Baixo Império, a arte e a indústria vidreira passaram, no século 13, para a gloriosa República de Veneza, tornando-se privilegiada a tal ponto que o célebre Conselho dos Dez proibiu a saída de operários e técnicos em vidro para o estrangeiro, chegando a ponto de ameaçar com a morte todo aquele que se retirasse de Veneza”.

Hialotécnica também narra a chegada do vidro à América, em 1608. O material foi trazido por artesãos que se refugiaram em Jamestown, no estado da Virgínia, nos Estados Unidos. A obra também relata as extravagâncias de Henry William Steigel, barão que gastou sua fortuna construindo uma cidade em que se pontificavam uma fábrica de vidro e casas para vidreiros. “Ele era fiel ao seu objetivo de produzir na América um vidro tão fino quanto o que era fabricado na Europa. Entretanto, os gastos foram tantos que Steigel viu sua ruína financeira. Tudo o que possuía, incluindo seus pedaços de vidro, foi vendido para pagar seus credores”.

Escondendo o ouro

De acordo com Celso Fonseca, a bibliografia sobre hialografia no Brasil ainda é escassa, embora rejeite a ideia de que há pouca pesquisa sobre o assunto. “Não é este o caso. A área, por si só, acaba sendo restrita. Sobretudo porque os antigos vidreiros tendiam a esconder a ‘arte do ofício’”, explica. A ideia do livro vai no sentido oposto: evidenciar, por vezes com ilustrações e sempre em minúcias, o processo de fabricação do vidro. Em um dos capítulos, ele enumera os passos para se montar uma oficina.

O conceito de vidro, que apresenta certa complexidade, também mereceu destaque no livro. Para alguns, o material é um sólido, pois, resistente, não muda de forma; por vezes, é considerado um líquido superresfriado e também um polímero, espécie de composto químico formado por sucessivas aglomerações de moléculas fundamentais. Essa divergência conceitual não assusta Fonseca. “Quando fabricado, o vidro passa por vários estágios. Mas essas definições não são tão importantes para a hialotécnica. Só interessa ao vidreiro conhecer detalhes sobre sua composição para controlar a velocidade da dilatação e do amolecimento, por exemplo.”

Livro: *Hialotécnica – Arte e Vidro*

De Celso Pereira Fonseca e Sérgio Eustáquio Martins
Editora UFMG

248 páginas

EXPEDIENTE

Reitor: Clélio Campolina Diniz – Vice-reitora: Rocksane de Carvalho Norton – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: Marcelo Freitas – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto e editoração gráfica: Rita da Glória Corrêa – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 8 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Fax: (31) 3409-4188 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.



Boletim

IMPRESSO